

A AVALIAÇÃO SOCIAL DO USO DOS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR EM BARRA DO CORDA-MA

SOCIAL EVALUATION OF SECOND PERSON SINGULAR PRONOUN USE IN BARRA DO CORDA-MA

Elimária Oliveira LIMA¹

Claudiane Gusmão Azevedo da SILVA²

RESUMO: Através deste trabalho procuramos verificar as atitudes linguísticas dos falantes barra-cordenses frente às formas de segunda pessoa do singular em uso no português brasileiro. Nesse sentido, focalizamos os pronomes *tu* e *você*, para saber como são avaliados, positiva ou negativamente, pela comunidade de fala de Barra do Corda-MA. Durante as entrevistas, as formas *senhor/senhora* também apareceram com certa frequência e foram inseridas na análise. Verificamos, ainda, qual a forma de segunda pessoa do singular os barra-cordenses afirmam utilizar em diferentes situações de interação, tendo como referência as relações sociais simétricas e assimétricas. Para cumprir com o objetivo proposto nesta pesquisa, aplicamos um teste de avaliação a 26 falantes estratificados conforme as faixas etárias de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos e a partir de 56 anos, com níveis de escolarização de ensino fundamental, ensino médio e ensino superior, de sexo feminino e masculino, a fim de verificar, também, se estes fatores influenciam na escolha de uma ou da outra forma pronominal. A partir dos resultados obtidos, constatou-se que os falantes barra-cordenses, apesar de acharem melhor e mais bonita a forma *você*, usam mais o pronome *tu*.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação. Pronomes. Interação. Identidade.

ABSTRACT: In this work, we aim to assess the linguistic attitudes of the speakers from Barra do Corda towards the second person singular forms in use in Brazilian Portuguese. In this sense, we focus on the pronouns *tu* and *você*, to find out how they are evaluated, positively or negatively, by the community of Barra do Corda-MA. During the interviews, *senhor/senhora* forms were also mentioned often and added to the analysis. In addition, we assessed which form of second person singular the people of Barra do Corda claim to use in different interaction situations, having symmetric and asymmetric social relations as reference. In order to fulfill the goal proposed in this research, we applied an evaluation test to 26 speakers stratified according to the age groups from 18 to 35 years old, from 36 to 55 years old and from 56 years old, with levels of schooling of elementary school, high school and higher education for females and males, in order to also assess whether these factors influence the choice of

1. Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e bolsista de doutorado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). Mestra em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil. E-mail: elimarialima@letras.ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9067-6009>.

2. Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e bolsista de doutorado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestra em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: dianegusmao@letras.ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2039-4636>.

one or another pronominal form. Based on the results obtained, it was found that, despite finding the form *você* better and more beautiful, speakers from Barra do Corda use the pronoun *tu* more often.

KEYWORDS: Evaluation. Pronouns. Interaction. Identity.

Introdução

As línguas naturais apresentam um dinamismo inerente em seu sistema, o que as tornam heterogêneas e diversificadas. Um exemplo desse dinamismo no que se refere ao português brasileiro é a coexistência de duas formas pronominais representando a segunda pessoa do singular, sejam elas: o *tu* e o *você*.

O comportamento variável dos pronomes de segunda pessoa do singular no português brasileiro tem sido amplamente documentado pelos sociovariacionistas que buscam, com base em dados coletados em situações reais de interação (fala) e às vezes em dados escritos, observar quais fatores linguísticos e sociais interferem no fato de que ora os falantes usam o pronome *tu*, ora usam o pronome *você*.

Para Martins *et al.* (2018), um procedimento para verificar se uma forma linguística tem prestígio social é observar ou mesmo solicitar às pessoas da comunidade de fala estudada que expressem seu julgamento sobre tal emprego. Nesse sentido, atendendo ao objetivo central da pesquisa de verificar a avaliação social dos falantes barra-cordenses frente ao uso dos pronomes *tu* e *você* no português brasileiro, aplicamos um teste de avaliação a 26 falantes barra-cordenses, estratificados conforme o sexo, a faixa etária e o nível de escolaridade.

Diante das pesquisas realizadas no português brasileiro acerca do pronome de segunda pessoa do singular, os estudos indicam que na maior parte da região Sudeste e do Centro-Oeste o *você* ocupou o lugar do pronome *tu*. Por outro lado, os estudos indicam também que nas regiões Norte, Nordeste e em parte do Sul as duas formas coocorrem e concorrem entre si, sendo o uso motivado por fatores linguísticos e sociais (LOPES, 2008; SCHERRE, 2009).

A partir dessas observações e, ainda, considerando a ausência de estudo sociolinguístico sobre os pronomes de segunda pessoa do singular na cidade de Barra do Corda-MA, analisamos a avaliação social dos falantes barra-cordenses quanto ao uso das formas *tu* e *você* e observamos em que situações os falantes acreditam utilizar cada uma dessas formas pronominais, uma vez que, de acordo com Alves (2015), no Maranhão, apesar do uso da forma *você*, ainda se destaca fortemente o uso do pronome *tu*.

Procuramos desenvolver uma análise interessada em discutir também sobre a identidade dos falantes barra-cordenses, sem nos concentrarmos especificamente nas macrocategorias sociológicas como sexo, faixa etária e nível de escolaridade. Desse modo, propomos um olhar mais atento aos próprios indivíduos e suas práticas cotidianas, no qual o foco está em como os falantes usam a variação pronominal nas interações pessoais e como os usos individuais são coerentes com o grupo.

O presente artigo está organizado em quatro seções, em que discutimos os pressupostos teóricos que embasaram o estudo, a metodologia, a análise dos dados e, por fim, as considerações.

Pressupostos teóricos

A variação linguística ocorre em todos os níveis da gramática e falantes pertencentes a grupos e comunidades diferentes irão apresentar diferenças no uso das variantes. No português brasileiro, tanto o pronome *tu* quanto o pronome *você* se referem à segunda pessoa do singular; embora Cunha e Cintra (2001) considerem o *você* como verdadeiro pronome pessoal, a gramática normativa o registra como pronome de tratamento. As formas *tu* e *você* também se diferenciam quanto à concordância verbal; enquanto o *tu* realiza concordância em segunda pessoa, o *você* deve ser usado com a concordância em terceira pessoa.

Coelho *et al.* (2018) apresentam os seguintes paradigmas pronominais no português brasileiro:

Quadro 1 – Reestruturação do paradigma verbal

| PARADIGMA 1 | PARADIGMA 2 |
|------------------------------|--|
| Eu ando/escrevo/vou | Eu ando/escrevo/vou |
| Tu andas/escreves/vais | Tu anda(s)/escreve(s)/vai(s) Você anda/escreve/vai |
| Ele(a) anda/escreve/vai | Ele(a) anda/escreve/vai |
| Nós andamos/escrevemos/vamos | Nós anda(mos)/escreve(mos)/vai(mos) A gente anda(mos)/escreve(mos)/vai(mos) |
| Vós andais/escreveis/ides | Vocês anda(m)/escreve(m)/vai(ão) |
| Eles(as) andam/escrevem/vão | Eles(as) anda(m)/escreve(m)/vai(ão) |

Fonte: Coelho *et al.* (2018, p. 156).

O paradigma 1 está veiculado na tradição gramatical e na maioria dos livros didáticos evidenciando a norma padrão, enquanto o paradigma 2 representa as variedades do português usado atualmente no Brasil, principalmente na fala.

Neste artigo, temos como objeto de estudo a variação morfológica representada pela alternância dos pronomes *tu* e *você*, e, ainda, o uso do pronome de tratamento *senhor(a)*, pois consideramos que as formas de se referir ao outro decorrem das relações sociais (simétricas e assimétricas) e dos contextos comunicativos, e tanto o pronome *tu* quanto o pronome *você* e o pronome *senhor(a)* podem ser usados com referência à segunda pessoa do singular.

A escolha de uma ou da outra forma pronominal usada pelo falante para se dirigir a um interlocutor referido como segunda pessoa pode parecer bastante simples, pois não costumamos parar para pensar sobre os motivos que nos levam a usar uma forma ou outra. No entanto, o uso das variantes está sempre relacionado a algum fator externo à língua.

Nos casos dos pronomes *tu* e *você*, a região de origem do falante parece ser crucial no emprego de um ou do outro pronome. Scherre *et al.* (2015) apontam que o uso do *você* acontece em todos os estados do Brasil, no entanto, concentra-se na área central do país com bastante uniformidade, área que compreende as regiões Centro-Oeste e Sudeste. Por outro lado, o pronome *tu* não se apresenta em todos os estados e acontece com maior frequência nos estados das regiões Norte, Nordeste e parte do Sul.

Destaca-se que, onde os falantes usam o pronome *tu*, as formas *tu* e *você* coocorrem e há diferenças no uso das variantes devido a outros fatores como grau de intimidade entre os interlocutores, grau de formalidade da situação comunicativa etc. Acrescenta-se aqui também o uso do pronome *senhor*, que nem sempre é objeto de estudo quando se fala em pronomes de segunda pessoa, no entanto, de acordo com Scherre *et al.* (2015), esta forma pronominal é de uso recorrente com pessoas mais velhas ou com pessoas menos conhecidas.

De acordo com Kiesling (2013), as formas de falar podem estar associadas a pessoas de lugares específicos, e o lugar é usado para criar identidades relativas à diferença e semelhança com o que é considerado local. Battisti (2014, p. 81) considera que “a construção de identidade consiste em negociar os significados de nossa experiência de pertença a diferentes grupos sociais”. A partir disso, de uma forma mais geral, é possível compreendermos as diferenças entre as regiões do Brasil no uso dos pronomes *tu* e *você*.

Kiesling (2013, p. 450) ressalta a natureza relacional das identidades, definindo o conceito como “um estado ou processo de relação entre o ‘eu’ e o ‘outro’; a identidade é como os indivíduos definem, criam, ou pensam sobre si em termos de sua relação com outros indivíduos e grupos, sejam eles reais ou imaginários”. Nesse sentido, de uma forma mais restrita, defende-se que o mesmo falante pode usar diferentes formas linguísticas dependendo da situação em que se encontra e com quem ele fala. Conforme Kiesling (2013), a identidade linguística de uma comunidade pode ser analisada em três diferentes níveis: largos grupos censitários – como classe socioeconômica, gênero, etnia etc; papéis institucionais – como mãe, professor etc; e *stances* ou posição na interação – amigável, autoritário etc. Os níveis serão elucidados, na medida do possível, na análise das questões propostas nesta investigação.

O que está em questão agora são os diferentes papéis sociais que as pessoas desempenham nas interações comunicativas, e, de acordo com Coelho *et al.* (2018), esse tipo de variação recebe o nome de variação estilística.

Os papéis sociais são alterados conforme as situações comunicativas das quais os falantes participam, e estão intimamente relacionados aos tipos de relações que ocorrem entre o locutor e seu interlocutor, as chamadas relações de poder e solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960). Nesse sentido, considera-se que solidariedade se refere a relações de proximidade e simetria entre os interlocutores, e poder se refere a relações assimétricas, como diferentes faixas etárias, posições hierárquicas etc.

Para Bortoni-Ricardo (2005), a variação linguística é concebida hoje como um dos principais recursos postos à disposição dos falantes para cumprir duas finalidades: ampliar a eficácia da sua comunicação e marcar sua identidade social. De acordo com a autora,

[...] o comportamento linguístico está permanentemente submetido a múltiplas e co-ocorrentes fontes de influência relacionadas aos diferentes aspectos da identidade social, tais como sexo, idade, antecedente regional, inserção no sistema de produção e pertencimento a grupo étnico, ocupacional, religioso, de vizinhança etc. Quando falamos, movemo-nos num espaço sociolinguístico multidimensional e usamos os recursos da variação linguística para expressar esta ampla e complexa gama de identidades distintas (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 176).

A partir dessas influências, o falante seleciona as variantes do seu repertório de modo a se assemelhar ao grupo ao qual ele pertence. No que diz respeito às formas pronominais de segunda pessoa do singular, nesta seleção das variantes tem-se a avaliação, que diz respeito aos julgamentos subjetivos do falante quanto às formas *tu*, *você* e *senhor(a)* e quem são os seus interlocutores.

Para Mollica (1995) a variação de uso da língua e de graus de percepção/avaliação é regulada por leis gerais e universais. A autora aponta, ainda, que alguns estudos atestam uma equivalência entre perfil sociolinguístico, crenças e atitudes linguísticas, como parâmetros sociais determinantes nas escolhas linguísticas dos indivíduos.

Como este é um estudo de avaliação, temos também como base teórica os conceitos de saliência distribucional e saliência sociocognitiva (FREITAG, 2018). A saliência distribucional serve para medir a sensibilidade dos falantes quanto à frequência de uso de uma mesma variante em diferentes contextos. Essa análise pode ser feita através de um protocolo de efeitos que vão de sensibilidade, gênero e até idade de aquisição do falante, e esse conjunto de efeitos é conhecido como monitor sociolinguístico (LABOV *et al.*, 2011). Por sua vez, a saliência sociocognitiva tem diversas maneiras de ser verificada. Aqui, usaremos a avaliação social da variação do uso de segunda pessoa do singular, com abordagem direta, que “é uma das formas mais simples de se obter dados observacionais sobre a crença e o julgamento linguístico de uma comunidade” (FREITAG, 2018, p. 8).

Metodologia

Com o objetivo de verificar a avaliação social do uso dos pronomes de segunda pessoa do singular em Barra do Corda-MA, nossa metodologia baseia-se nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística propostos por Labov (2008 [1972]) e compreende teste de avaliação linguística que foi aplicado pelas pesquisadoras no município de Barra do Corda no estado do Maranhão.

Para a constituição da amostra, aplicamos um questionário composto por 8 questões acerca do uso dos pronomes de segunda pessoa do singular a 26 falantes barra-cordenses estratificados em sexo – masculino e feminino; escolarização – ensino fundamental, ensino médio e ensino superior; e faixa etária – 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e mais de 56 anos, conforme mostra o quadro 2.

Quadro 2 – Distribuição dos falantes

| Idade | Ecolaridade | Sexo | Nº de Falantes |
|-----------------|--------------------|-----------|----------------|
| 18 a 35 anos | Ensino Fundamental | Masculino | - |
| | | Feminino | 2 |
| | Ensino Médio | Masculino | 2 |
| | | Feminino | 1 |
| | Ensino Superior | Masculino | 2 |
| | | Feminino | 2 |
| 36 a 55 anos | Ensino Fundamental | Masculino | 1 |
| | | Feminino | 2 |
| | Ensino Médio | Masculino | 2 |
| | | Feminino | 2 |
| | Ensino Superior | Masculino | 2 |
| | | Feminino | 2 |
| Mais de 56 anos | Ensino Fundamental | Masculino | 2 |
| | | Feminino | 2 |
| | Ensino Médio | Masculino | 2 |
| | | Feminino | - |
| | Ensino Superior | Masculino | - |
| | | Feminino | - |
| Total 26 | | | |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Antes de iniciarmos a aplicação do questionário, fizemos uma pré-seleção dos participantes da pesquisa estabelecendo como critérios: responder o questionário espontaneamente, ter nascido ou ter ido morar ainda criança em Barra do Corda; não ter morado fora do município ou no máximo por um terço da vida; encaixar-se nos perfis sociolinguísticos preestabelecidos. Os falantes foram codificados e identificados da seguinte forma:

Quadro 3 – Codificação e identificação dos falantes

| Código Atribuído | Identificação do falante (Faixa etária, Sexo, Escolaridade, Ocupação, Moradia) |
|------------------|--|
| 1 | 18 a 35 anos, mulher, ensino fundamental, dona de casa, zona urbana |
| 2 | 18 a 35 anos, mulher, ensino fundamental, dona de casa, zona rural |
| 3 | 18 a 35 anos, homem, ensino médio, desempregado, zona urbana |
| 4 | 18 a 35 anos, homem, ensino médio, motorista, zona urbana |
| 5 | 18 a 35 anos, mulher, ensino médio, dona de casa, zona urbana |
| 6 | 18 a 35 anos, homem, ensino superior, professor, zona rural |
| 7 | 18 a 35 anos, homem, ensino superior, aux. administrativo, zona urbana |
| 8 | 18 a 35 anos, mulher, ensino superior, aux. administrativo, zona urbana |
| 9 | 18 a 35 anos, mulher, ensino superior, professora, zona urbana |
| 10 | 36 a 55 anos, homem, ensino fundamental, lavrador, zona rural |
| 11 | 36 a 55 anos, mulher, ensino fundamental, doméstica, zona urbana |
| 12 | 36 a 55 anos, mulher, ensino fundamental, dona de casa, zona rural |
| 13 | 36 a 55 anos, homem, ensino médio, vigilante, zona urbana |
| 14 | 36 a 55 anos, homem, ensino médio, porteiro, zona urbana |
| 15 | 36 a 55 anos, mulher, ensino médio, dona de casa, zona rural |
| 16 | 36 a 55 anos, mulher, ensino médio, dona de casa, zona rural |
| 17 | 36 a 55 anos, homem, ensino superior, agente de saúde, zona urbana |
| 18 | 36 a 55 anos, homem, ensino superior, assist. administrativo, zona urbana |
| 19 | 36 a 55 anos, mulher, ensino superior, professora, zona urbana |
| 20 | 36 a 55 anos, mulher, ensino superior, professora, zona urbana |
| 21 | A partir de 56 anos, homem, ensino fundamental, lavrador, zona rural |
| 22 | A partir de 56 anos, homem, ensino fundamental, lavrador, zona rural |
| 23 | A partir de 56 anos, mulher, ensino fundamental, dona de casa, zona urbana |
| 24 | A partir de 56 anos, mulher, ensino fundamental, dona de casa, zona rural |
| 25 | A partir de 56 anos, homem, ensino médio, agente de saúde, zona rural |
| 26 | A partir de 56 anos, homem, ensino médio, comerciante, zona urbana |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os questionários foram aplicados de duas formas: via *web*, com a utilização de ferramentas on-line do *Google Docs*, e pessoalmente. No teste aplicado, constavam as seguintes perguntas: (1) *Qual forma costuma usar para se dirigir a um amigo ou amiga?* (2) *Qual forma costuma usar para se dirigir ao pai ou mãe?* (3) *Qual forma costuma usar para se dirigir ao irmão ou irmã?* (4) *Entre tu e você, qual dessas formas acha mais bonita?* (5) *Entre tu e você e senhor(a), qual dessas formas acha mais bonita?* (6) *Qual dessas formas acha feia ou ruim?* (7) *Qual a forma mais comum de falar aqui?* (8) *Acha que tem diferença no uso do tu, do você, e do senhor(a)?*

As questões de (1) a (3) foram de múltipla escolha, em que o falante deveria escolher entre as formas *tu*, *você* ou *senhor(a)*, e as questões de (4) a (8) foram discursivas.

Por motivo de espaço, agrupamos as questões (1), (2) e (3) num mesmo gráfico e as questões (4), (5) e (6) em outro. As questões (7) e (8) são apresentadas individualmente.

Na discussão dos resultados consideramos as relações entre os interlocutores classificando-as em:

- (i) relações simétricas;
- (ii) relações assimétricas ascendentes;
- (iii) relações assimétricas descendentes.

As relações simétricas são aquelas em que existe, ou parece existir, igualdade entre os participantes da interação, tais como a idade, gênero, profissão, maior proximidade, maior grau de intimidade (amigos, irmãos).

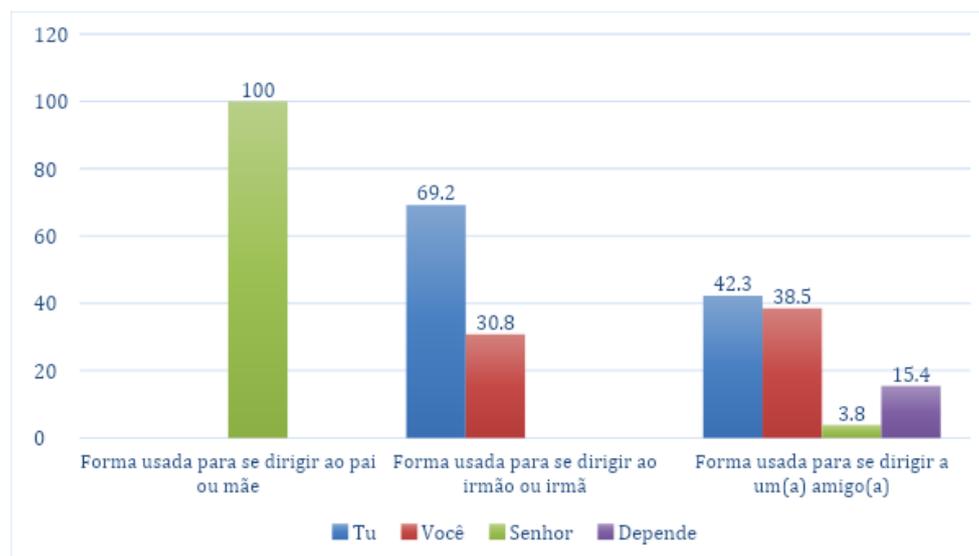
As relações assimétricas estão associadas a relações de poder, que podem ser assimétricas descendentes (de superior para inferior – estabelecida na fala de pai para filho, de patrão para empregado, de falante mais velho para falante mais novo) e assimétrica ascendente (de inferior para superior – estabelecida na fala de filho para pai, de empregado para patrão, de falante mais novo para falante mais velho).

Análise e discussão dos resultados

A discussão dos resultados transita da análise quantitativa à análise qualitativa com base no uso dos pronomes e na percepção do papel social dos interlocutores.

Começaremos apresentando e discutindo as respostas dadas pelos informantes à primeira, segunda e terceira questão do teste, que questionavam o informante (1) *qual forma costuma usar para se dirigir a um amigo ou amiga?* (2) *qual forma usa para se dirigir ao pai ou mãe?* e (3) *qual forma usa para se dirigir ao irmão ou irmã?*

Gráfico 1: Forma usada para se dirigir aos interlocutores



Fonte: Elaborado pelas autoras.

A partir dos dados mostrados no gráfico 1, em relação à forma usada para se dirigir a um(a) amigo(a), observa-se que há uma distribuição bem próxima entre os percentuais de *tu* e *você*: 38,5% e 42,3%, respectivamente. Algo que chama atenção na análise dos pronomes na relação entre amigos é o uso do pronome *senhor*, que apresentou percentual de 3,8% e se faz necessário analisar o porquê de esta forma estar coocorrendo com as formas *tu* e *você* nesse contexto e tipo de relação. Analisando o perfil dos informantes para encontrar uma possível justificativa para esse dado, observou-se que esta resposta diz respeito a uma mulher com idade entre 36 e 55 anos que vive numa comunidade da zona rural de Barra do Corda e nesta comunidade os habitantes estão concentrados majoritariamente nas duas últimas faixas etárias abordadas neste artigo, o que pode justificar que, apesar de as pessoas manterem uma relação de amizade, a idade do interlocutor tem influência na escolha do pronome. Outros 15,4% dos informantes disseram que depende, e a razão estaria relacionada à idade do interlocutor, como mostram os exemplos (1) e (2):

- (1) – *Depende. Se for uma pessoa mais idosa, senhor. No caso, contigo, seria você.* (Falante 7)
- (2) – *Na minha opinião é você. Depende da idade, se for uma pessoa já mais velho que a gente é senhor ou senhora.* (Falante 23)

Esses dados mostram que, na relação entre amigos, além da possível intimidade existente entre os falantes, a idade também influencia na escolha do pronome. Nesse sentido, a variante pronominal utilizada visa tanto o ouvinte quanto o falante: se o interlocutor for mais velho, a variante utilizada é *senhor(a)*, se ele for mais jovem ou com idade equivalente à do locutor, há preferência pelo uso do *tu* ou *você*.

Quanto à forma usada para se dirigir aos pais, todos os informantes afirmaram usar o pronome *senhor(a)*:

- (3) – *Senhora. Até porque é uma questão de respeito. Até para pessoas mais idosas deve usar o senhor. Também, às vezes, a gente tem amigo mais velho e chama senhor.* (Falante 19)

O exemplo (3) evidencia que para os barra-cordenses o único pronome aceitável nas relações filho-pai e filho-mãe é o pronome *senhor(a)*, por se tratar de uma forma mais respeitosa e mais adequada para se dirigir aos pais e às pessoas mais idosas.

No que diz respeito à relação de irmãos, 69,2% afirmaram usar o *tu* e 30,8% afirmaram usar o *você*:

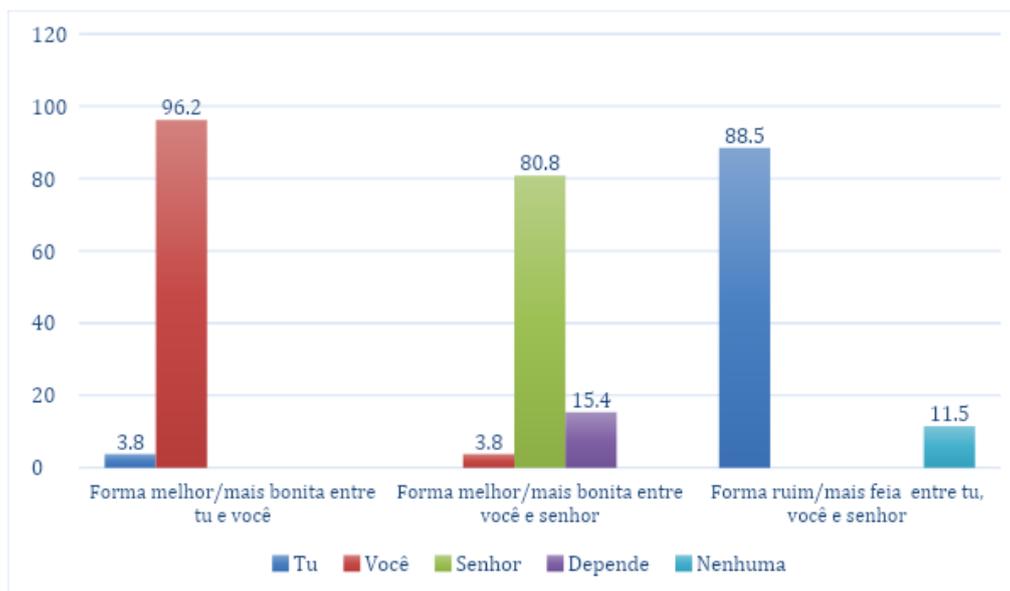
- (4) – *Tu, sempre tu. Acredito que seja a forma que a gente foi criada falando em casa. Acredito que não tem nada a ver com respeito, é costume mesmo.* (Falante 19)
- (5) – *Você. Lá em casa a gente sempre chamava você, até pedia a benção para os irmãos.* (Falante 24)

Os dados mostram que, diferentemente das duas questões anteriores, na relação entre irmãos aparece apenas os pronomes *tu* e *você*, com maior destaque para o pronome *tu*. Embora tenhamos um percentual um tanto expressivo do pronome *você* na relação entre irmãos, sugere-se que o uso do pronome *tu* está mais relacionado ao grau de intimidade e simetria entre os interlocutores e ao hábito de utilizar mais o *tu* no dia a dia do que a outros fatores como respeito, por exemplo.

Para Labov (2008 [1972]), as variantes linguísticas apresentam o mesmo significado referencial, mas podem apresentar significados sociais distintos, o que parece ser o caso dos pronomes *tu*, *você* e *senhor(a)* na fala barra-cordense. Ou seja, essas formas em variação adquirem determinados valores sociais a depender das relações existentes entre os interlocutores, sejam elas simétricas ou assimétricas.

A próxima discussão tem como objetivo analisar a avaliação dos barra-cordenses em relação às variantes pronominais. Desse modo, agrupamos as seguintes questões: (4) *entre tu e você, qual dessas formas acha mais bonita?* (5) *entre tu e você e senhor(a), qual dessas formas acha mais bonita?* (6) *qual dessas formas acha feia ou ruim?*

Gráfico 2 – Avaliação das formas pronominais *tu*, *você* e *senhor*



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na questão (4), que diz respeito apenas às formas *tu* e *você*, 96,2% afirmaram que a forma pronominal mais bonita é o *você* e apenas 3,8% disseram ser o *tu*:

- (6) – Você. Não sei se é porque trabalho na área da educação, porque sou professor de língua portuguesa. No dia a dia não sei como as pessoas costumam usar mais. (Falante 6)
- (7) – Você. Tu também é bonito, mas só se conjugar o verbo. Às vezes a pessoa fala tu mas não conjuga o verbo e fica feio. (Falante 9)

(8) – *Acho mais bonito o você, mas eu uso mais o tu.* (Falante 25)

Esse resultado é bastante interessante, pois mostra que nem sempre a variante mais prestigiada pelo falante é de fato a que ele acredita utilizar. Os falantes disseram preferir a variante *você*, mas empregam mais o *tu*. Isso pode estar associado ao nível de monitoramento de fala, no qual o *tu* teria alta saliência sociocognitiva (FREITAG, 2018) para a comunidade de fala.

Considerando as respostas da questão (4) sobre os pronomes *tu* e *você*, na questão (5), perguntou-se também qual o pronome mais bonito/melhor entre *você* e *senhor*: 80,8% afirmaram ser o *senhor*, 3,8% afirmaram ser o *você*, e 15,4% disseram que *depende*.

(9) – *Para mim é mais bonito o senhor, embora use mais o tu. O senhor uso quando é para autoridades, pessoas mais velhas, pai e mãe.* (Falante 25)

(10) – *Você é mais bonito. Depende, se for com pai e mãe é diferente, o senhor é mais bonito.* (Falante 3)

Observa-se que entre os pronomes *você* e *senhor* os falantes consideram o pronome *senhor* como sendo o mais bonito. No entanto, é importante destacar que a posição dos falantes em relação ao pronome *senhor* está sempre relacionada ao respeito, o que sugere que tal pronome adquire essa melhor avaliação aqui na questão porque os falantes estão estabelecendo critérios relacionados à idade do interlocutor, à posição social e ao fato de ser o pai ou a mãe.

Ainda, para entender a avaliação dos falantes em relação aos pronomes de segunda pessoa do singular, aplicamos outra questão perguntando qual das formas eles achavam feia ou ruim. Diferentemente das outras duas questões, nesta colocamos os três pronomes juntos.

Os dados mostram que 92,3% dos falantes consideram que o pronome *tu* é a forma mais feia/ruim, 11,5% afirmaram que nenhuma das formas é feia/ruim, e nenhum falante afirmou achar *senhor* ou *você* formas feias ou ruins.

(11) – *Tu. A gente fala porque fala mesmo, mas não é bonito não.* (Falante 10)

(12) – *Tu. Acho muito grosseiro. Soa muito grosseiro o pronome tu, eu acho.* (Falante 4)

(13) – *Tu. Usa mais o tu e acha feia. (risos)* (Falante 11)

(14) – *Tu. Porque não é com tanto respeito.* (Falante 12)

(15) – *Acho todas normais, não acho nenhuma feia.* (Falante 13)

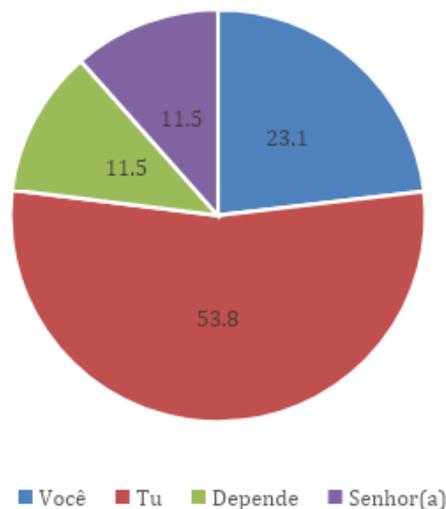
Ao compararmos as questões que se referem à forma que é mais usada em Barra do Corda e a forma considerada pelos falantes barra-cordenses como sendo a mais bonita/melhor e a mais feia/ruim, observamos que o pronome *você* tem maior prestígio nesta comunidade linguística; porém, o pronome *tu* se configura como uma marca de identidade local sendo a mais utilizada, apesar de ser considerada mais feia/ruim.

É interessante destacar que o pronome *você* não é reconhecido pela gramática normativa como pronome de segunda pessoa do singular, no entanto, é bastante disseminado pela mídia escrita e televisiva, e isso pode provocar uma grande aceitação e melhor avaliação por parte dos falantes.

Cabe ressaltar também que o padrão da atitude linguística é determinado pelos grupos sociais de maior status de prestígio na sociedade. No Brasil, a industrialização aumentou as diferenças entre o Centro-Sul e o Norte-Nordeste (ILARI & BASSO, 2014) e conforme apontou Scherre *et al.* (2015), a variante *você* tem maior produtividade na região central do país e a variante *tu* maior produtividade nas regiões Norte e Nordeste e numa pequena parte do Sul. Esse prestígio do pronome *você* entre os barra-cordenses pode estar relacionado a essas questões, pois o falante “tende a achar superior a língua da região mais próspera” (ILARI & BASSO, 2014, p. 59) e em virtude disso muitos falantes acabam tendo uma atitude negativa da própria variedade linguística.

Na questão número (7), foi perguntado *qual a forma mais comum de se falar em Barra do Corda?* Os falantes afirmaram que a forma mais usada em Barra do Corda é o pronome *tu*, 53,8%, seguido do *você*, 23,1%, *senhor*, 11,5%, e que depende da situação, 11,5%.

Gráfico 3 – A forma mais comum de falar em Barra do Corda



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Em relação ao percentual do pronome *tu*, o resultado se aproxima dos resultados encontrados por Alves (2010) nas cidades maranhenses de Bacabal, 56,5%, e Balsas, 56,7%. Em ambas as localidades o pronome *você* foi o segundo com maior número de ocorrências, 39,1% e 43,3%, respectivamente, e em Bacabal a autora destaca também o uso da forma *cê*, com percentual de 4,3%.

Dois fatos nos chamam atenção nesta questão: o pronome *senhor(a)* aparecendo com percentual de 11,5% como o mais usado pela comunidade, e o pronome *tu* com 53,8%, quando este é considerado como sendo o mais feio/ruim por 88,5% do falantes barra-cordenses.

(16) – Tu. *Pra mim é mais comum falar tu.* (Falante 3)

(17) – Tu. *Popularmente as pessoas usam muito o tu, mas nunca fazem a conjugação correta.* (Falante 6)

(18) – Senhor. *Porque as pessoas mais velhas a gente sempre chama de senhor.* (Falante 15)

Os dados relacionados ao pronome *tu* mostram que nem sempre a forma melhor avaliada pela comunidade é a mais utilizada pelo falante. A identidade dos falantes em termos de sentimento de pertencimento a um local, povo ou cultura pode se mostrar como um condicionador extralinguístico que motiva a variação linguística (COELHO *et al.*, 2018; KIESLING, 2013).

Em relação aos dados sobre o pronome *senhor(a)*, encontramos algo bastante interessante que nos ajuda a explicar o porquê de ele aparecer aqui nesta questão. De acordo com Kiesling (2013), o lugar onde o indivíduo vive é uma boa maneira de entender a identidade, e por isso é importante ressaltar que o percentual para forma *senhor(a)* diz respeito a falantes residentes numa comunidade da zona rural de Barra do Corda, e os falantes responsáveis por esses dados são mais novos do que grande parte dos moradores desta comunidade. É uma comunidade em que, quase sempre, os jovens migram para a cidade em busca de estudos e/ou trabalho e os adultos e idosos permanecem.

Considerando essas questões, a idade das pessoas entrevistadas e o fato de o pronome *senhor* estar associado a respeito, podemos ter aqui uma possível justificativa para o fato de os falantes dessa comunidade rural usarem mais o pronome *senhor* do que *tu* ou *você*, pois a população do pequeno povoado é constituída basicamente por crianças, adultos e pessoas mais idosas e, além disso, há bastantes relações de parentesco entre elas. Desse modo, consideramos que as funções ou papéis desempenhados pelos falantes (filho(a), sobrinho(a), amigo(a) etc.) constituem um rol importante na variação do pronome de segunda pessoa.

Na última questão, (8), foi perguntado se o falante *acha que tem diferença entre o uso do tu, do você, e do senhor(a)*, e caso a resposta fosse que há diferença, que apontasse quais. Todos os participantes disseram que há sim diferenças no uso dos pronomes, desse modo, escolhemos algumas respostas para ilustrar melhor as diferenças apontadas:

- (19) – O tu, uso quando é uma pessoa igual a mim, do mesmo nível. Você, uso com pessoas que não conheço, quando não sei se é uma autoridade, se é igual a mim. O senhor aparenta mais respeito, para autoridades, pessoas mais velhas. (Falante 25)
- (20) – Tem. Senhor você não usa com pessoa nova. Não vou chegar numa pessoa de idade chamando tu. Você eu acho mais bonito, mais respeitável. (Falante 1)
- (21) – Tem. Porque o tu não é com tanto respeito. Senhor já é com mais respeito. Você é com mais respeito e mais educação. Se a pessoa é uma autoridade, juiz, prefeito, delegado, deputado, a pessoa chama de senhor, se for inferior, chama tu. (Falante 21)
- (22) – Sim, bastante. O tu é porque a gente cresceu falando tu, é tipo um termo regional, é costume. O você é uma expressão mais carinhosa, mais educada, um tom mais educado. O senhor é questão de respeito, fica estranho falar com uma pessoa mais idosa e chamar tu ou você. Senhor é questão de respeito. (Falante 19)
- (23) – Sim. Na questão do contexto, para se dirigir a pessoas mais idosas e parentes pais e avós, sempre usa o senhor. Agora o tu é usado mais no cotidiano, em situações mais informais, entre amigos. Você é usado numa situação de registro formal, ao se dirigir, por exemplo, ao professor, médico. (Falante 6)

(24) – *Tem. Se for conversar com os pais e os mais velhos, é senhor. A diferença é pelo parentesco. Se a gente for dar uma cantada numa menina, a gente chama você, se chamar tu aí entra água. Durante a paquera é melhor chamar você.* (Falante 3)

Os dados obtidos na fala barra-cordense sugerem que *senhor* ocorre como estratégia predominante em relações de inferior para superior (assimétricas ascendentes), marcando respeito ou distanciamento social. Nas relações de superior para inferior (assimétricas descendentes) a ocorrência de *tu* aparece por quem detém mais poder, que estaria relacionado à faixa etária e à posição hierárquica. Ainda, o *tu*, em algumas situações, como na relação entre irmãos e amigos próximos, está relacionado à intimidade e nesse caso seu uso pode não significar ‘desrespeito’. O pronome *você* parece ocupar uma posição intermediária, que pode ser usado tanto em relações assimétricas (ascendentes e descendentes) quanto simétricas.

Considerações

Os estudos sociolinguísticos têm mostrado que alguns fenômenos variáveis são condicionados pelo fator regional, ou seja, há usos linguísticos que só ocorrem ou são mais frequentes em determinadas regiões/localidades. No Maranhão, por exemplo, conforme os estudos de Alves (2015) e de Scherre *et al.* (2015), observa-se que o pronome *tu* tem grande produtividade, no entanto, esta forma pronominal coocorre com o pronome *você*.

Esta pesquisa buscou verificar como os pronomes de segunda pessoa do singular são avaliados na comunidade de fala barra-cordense e constatamos que apesar de os falantes acharem melhor e mais bonito o pronome *você*, eles afirmam usar mais o pronome *tu*. Além da variação no uso das formas pronominais *tu* e *você* na fala dos informantes, há também variação na compreensão do significado dessas variantes dependendo da relação e da idade do interlocutor. Enquanto, de um lado, há uma compreensão de que o uso do *tu* na relação entre irmãos e amigos é ocasionado pela proximidade e intimidade, por outro, essa variante é interpretada como uma forma desrespeitosa se usada com uma pessoa mais idosa ou com alguém com quem não se tem intimidade, sendo preferível o uso do *você* ou *senhor*.

A avaliação bom/ruim, bonito/feio a respeito dessas variantes é feita pelos falantes a partir de critérios subjetivos sobre o que é mais e o que é menos respeitoso, em que numa escala gradual o *tu* representa menos respeito, o *você* está num nível intermediário e o *senhor* representa o maior grau de respeito. Por sua vez, esses pronomes não se limitam apenas a essas classificações; três fatores parecem ser cruciais na análise dos pronomes de segunda pessoa na fala barra-cordense:

- A região – no Maranhão, o uso do pronome *tu* é bastante frequente e Barra do Corda segue a tendência das demais localidades do estado.
- A relação entre os interlocutores – na relação filho-pai/filho-mãe tem-se o uso apenas

do pronome *senhor(a)*, não sendo sequer cogitadas nos dados outras possibilidades; na relação entre irmãos e entre amigos, tanto *tu* quanto o *você* são possibilidades, e nesses casos o *tu* representa intimidade, proximidade; na relação entre pessoas com quem não se tem intimidade é preferível o uso do *você*; e com autoridades, *senhor(a)*, nesses dois casos o *tu* representa desrespeito.

- A idade do interlocutor – na relação entre pessoas de idades diferentes se o falante for mais velho do que o seu interlocutor admite-se o pronome *tu*; se o falante for mais jovem do que o seu interlocutor é preferível o uso do pronome *senhor(a)*. Destaca-se que o fator *idade* atua em conjunto com o fator *tipo de relação* quando falante e interlocutor têm uma relação de amizade.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

Referências

- ALVES, C. C. B. *O uso do tu e você no português falado no Maranhão*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2010.
- ALVES, C. C. B. *Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense*. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília, 2015.
- BATTISTI, E. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, R. M. K. (ed.), *Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*, São Paulo: Blucher, 2014, p. 79-98.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora?: sociolinguística e educação*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. A. et al. *Style in language*. Cambridge: The MIT Press, 1960. p. 253-276.
- COELHO, I. L. et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2018.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 276-292.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation. *Annual Review of Anthropology*, vol. 41, p. 87-100, 2012.
- FREITAG, R. M. K. Saliência estrutural, distribucional e sociocognitiva. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 40, n. 2, p. e41173, 26 set. 2018.
- ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KIESLING, S. F. Constructing Identity. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. *The Handbook of Language Variation and Change*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2.ed., 2013, p. 448-467.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. 1. ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. *et al.* Properties of the sociolinguistic monitor. *Journal of Sociolinguistics*, Volume 15, Issue 4, 2011, p. 431-463.

LOPES, C. R. S. Retratos da variação entre você e tu no português do Brasil: sincronia e diacronia. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.), *Português Brasileiro II – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. 1 ed. Niterói: EDUFF, 2008, v. 2, p. 55-71.

MARTINS, M. R. A. S. *et al.* Atitudes linguísticas dos falantes portugueses frente ao uso do pronome tu. *Revista Porto das Letras*, vol. 04, nº 01. 2018.

MOLLICA, M. C. Como o brasileiro fala, percebe e avalia alguns padrões linguísticos. In: HEYE, J. (Org.). *Flores verbais*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira. p. 121-129, 1995.

SCHERRE, M. M. P. *et al.* Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro. Comunicação apresentada no *II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*, Universidade de Évora, 2009.

SCHERRE, M. M. P. , *et al.* Variação dos pronomes tu e você. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.) *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.